

150 Anos de Independência

Ten Cel Art QEMA
ROBERTO PINHEIRO KLEIN

DESCOBERTA no limiar do século dezesseis, a América Lusa passou mais de trezentos anos na completa dependência da Metrópole. Durante todo esse tempo a terra foi colonizada, defendida; foi alongado o conhecimento da costa e alargada a fronteira terrestre para o norte e o oeste. Foram longos anos de lutas contra a natureza hostil para a sobrevivência dos colonizadores e de lutas contra a hostilidade de outros povos que contestavam a posse da Colônia pelos portugueses.

Nessa época se forjou o espírito nativista sublimado na integração das três raças formadoras de nossa nacionalidade, simbolizadas nos vultos épicos de Fernandes Vieira, Felipe Camarão e Henrique Dias; e floresceu, também, o sentimento emancipacionista, galvanizado na figura invulgar do grande mártir da independência, Joaquim José da Silva Xavier, e tornado realidade por um príncipe português que, por um feliz capricho do destino, trazido à nossa terra, a ela e ao seu povo se afeiçoou e, em um momento de arrebatamento e coragem, livrou o Brasil de suas amarras e o fez senhor de seus destinos.

Cento e cinquenta anos são passados, praticamente a metade do tempo em que permanecemos dependentes de Portugal.

Nesta fase de Brasil Império, de Brasil República, foi hercúleo o esforço, foi tenaz o trabalho, foi persistente a vontade do povo e de seus governantes de vencer, de ser forte, de ser respeitado, de ser próspero, de ser feliz, de constituir uma grande Nação.

E é por tudo isso que, com imenso júbilo, imorredoura gratidão e profundo reconhecimento, a geração do Brasil de hoje venera e reverencia os bravos da independência, personificados todos no monarca de duas Pátrias, pelas quais lutou com igual bravura e inexcedível desprendimento, tornando livre a que de coração escolheu e livrando do usurpador, a que lhe serviu de berço.

Feliz sob todos os aspectos o pedido de nosso Governo e a resposta do Governo português em acordar que viessem os restos mortais do Primeiro Imperador do Brasil para serem guardados para sempre no monumento erguido junto ao riacho, onde, há um século e meio, foi proclamada a nossa independência; e se não bastasse a fidalguia do gesto dos nossos irmãos lusos, o fato de ficar o coração do nosso monarca, que foi Pedro IV em Portugal, na cidade do Porto, serve para tornar mais estreitos, mais fraternos, mais dinâmicos, mais coesos e indissolúveis os laços que nos unem ao povo português.

Nesta oportunidade, é justo que todos os brasileiros se associem a essa homenagem que, no sesquicentenário de nossa independência, tributamos àquele que a proclamou, sem derramamento de sangue, sem comprometer a nossa integridade territorial e permitindo-nos, assim, que permanecêssemos íntegros em nossas convicções, em nossa fé, em nossos sentimentos democráticos, em nossa inabalável certeza no grandioso destino do BRASIL.